

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As raças históricas da Lusitania (Transcrição)

I

(Continuação do número anterior)

Povo mestiço, de todos os povos,—nem nas ciências, nem nas letras e nas artes, pôde afirmar a sua nacionalidade ou individualidade.

Não teve literatura própria. Dos gregos imitou quasi tudo. E que significa *raça latrica*,—quando a Italia era habitada por tantas outras raças superiores como a etrusca e a sabina? A raça latina foi uma das últimas da Italia, e não foi a que predominou em Roma.

Devemos notar também que o domínio romano na península ibérica começou exactamente quando a guerra dos escravos e aliados anunciava já a degeneração do chamado *povo romano*.

Era impossível que uma cidade se conservasse isolada no meio de tantas influências estranhas.

A velha raça dos patrícios morreu com Catão. O elemento mais poderoso pelo número, os escravos saídos dos povos conquistados, e os aliados, começaram a dictar a lei à grande cidade. Tiberio Gracho toma a defesa da plebe; e, para evitar a grande revolução que ameaça Roma, pretende distribuir por ela as terras conquistadas; Scipião apoia-se para isso nos italianos.

Foi ele, que, pela primeira vez, pronunciou a palavra *Italia* em vez de *Roma*.

Os partidos políticos da cidade romana, nos fins da grande republica, já procuravam apoio nesses elementos estranhos que nela lançaram a desordem e a confusão!

No tempo de Mario e Sila foram os escravos, os italianos e os aliados, os elementos que mais agitaram a grande cidade e que produziram as suas grandes convulsões.

Era o elemento romano e latino a desaparecer no meio da grande voragem,

Catão, lutando debalde contra Cesar, representa essa luta agonizante entre o velho elemento e os novos.

Cesar, apoiado no povo e nos barbaros, consegue vencer o partido da velha Roma.

Ele distribue terras pelo povo; faz sair de Roma 80.000 colonos; concede o *jus Latii* à Sicilia, e o *jus Civitatis* aos aliados e até aos Gaulezes Cisalpinos!

O imperio romano levantou-se no meio da ruina do velho elemento latino e sobre a influencia dos povos barbaros e estrangeiros que começavam a imperar, formando uma nova Roma.

A confusão dos elementos estrangeiros, ou barbaros, era tal que Cicero classifica em muitas as linguas que no seu tempo se falavam em Roma!

Ele já nota grande a diferença entre o latim patrício e o latim da plebe e dos escravos.

As linguas a que ele chama *rustica*, *vulgar* e *militar* eram o latim corrompido pelos escravos vindos de toda a parte, pelos italianos, gaulezes, iberos e mais povos com quem os romanos andaram em guerra e em contacto frequente.

Se no centro da grande cidade já existia essa grande confusão de linguas,—o que seria fora das suas muralhas, entre os italianos e províncias conquistadas? Ai cada povo falava a sua lingua propria e nos que adotavam o latim, este mesmo em tempo de Cicero devia ser mais corrompido pela lingua natal do que na idade.

Foi naquela época de degeneração que os romanos fixaram definitivamente o seu domínio na Lusitânia; e a sua lingua podia portanto, influir na dos povos cel iberos.

Os romanos subjugaram a península ibérica quando se levantava o imperio cosmopolita sobre as ruínas da republica patriciana ou nacional.

E' exactamente nessa época que a grande cidade inundada de escravos, aliados e barbaros, ou de uma população estranha, se vê obrigada a transigir com os povos que estavam sob o seu dominio e a cercavam por todos os lados amesquendo-lhe a existência.

Desde Cesar até Caracalla, o imperio foi dando largas às províncias, e à medida que elas se distanciavam do grande centro. Por fim foi obrigado a conceder-lhes o direito de cidadão romano,



Nossa Senhora da Franqueira

o maior favor que este povo podia fazer aos conquistadores ou barbaros.

A Lusitania foi uma das províncias mais consideradas pelos romanos, ante a ferz resistência que encontraram nos seus extraordinarios habitantes.

A avaliar pelo estado da lingua romana no tempo de Cesar, pode-se julgar das sucessivas corruções que ela foi sofrendo entre os povos da península ibérica, desde essa época até ao fim do imperio.

Já na época de Cicero, os romanos escarneciam dos generais que regressaram a Roma trazendo o latim viciado pelo contacto com os hespanhois!

Se a influencia das linguas celtiberas era tão poderosa no proprio romano que estacionava de passagem nestas regiões,—qual seria ela no colono que fixava aí a sua residência, e nos habitantes do País, ao falarem latim?

A lingua de Cicero e Virgilio era já uma lingua morta no fim do Império,—onde cada povo, ou falava a sua lingua própria, ou o latim no seu próprio dialecto, o que correspondia a não falar latim.

E, com respeito ao idioma português, basta uma pequena comparação com a lingua latina, para se conhecer o abismo que as separa.

«Em nossa lingua (diz Ribeiro dos Santos) e nas mais de Espanha há muitas palavras que só são do latim bábaro da Meia Idade, isto é, palavras não latinas de nascimento, senão adotadas das várias linguas dos povos bárbaros que se derramaram pelas províncias do império romano».

E mais adiante diz: «Lendo-se os antigos documentos da nossa lingua e das mais de Espanha, que pasmosa quantidade de vocábulos se não acham nos diversos dialetos desta vasta península de que não há restos entre os romanos?»

«Cumpria também fazer a comparação com os termos célicos de que temos a maior fartura, cé to que se nós lhe lançamos o prumo, para a sondarmos nas comédias de Sá de Miranda, de An-

Crónica da Semana

O Ano Santo.—São de Sua Santidade Pio XI as palavras que seguem. Constituem, pois, um alto ensinamento, que todos devemos aproveitar e realizar, tanto mais que diz respeito ao negócio mais importante desta vida:

Ano Santo, ano de santificação

«A nossa redenção não quer dizer, no pensamento de Cristo, senão a nossa santificação. E o Ano Santo não corresponderá ao nosso intento, ao seu fim, ao pensamento substancial que o ilumina, se para todos nós não fôr um ano de santidade, de santificação.

E nesta não há apenas, bom é recordá-lo, as alturas, as cumiadas. Há uma santidade, por assim dizer, de nível médio, acessível a todos e à qual todos somos chamados: é a perfeição necessária a todos os redimidos. Há quem diga que a santidade não é uma vocação comum: bem comum ela é, na verdade; todos são chamados: *Estote perfecti*. Jesus Cristo a todos propôs a Sua própria Pessoa como exemplo a imitar, como guia a seguir, como mestre a escutar.

E' assim, pois, que se deve celebrar este Ano Santo, que Santo se chama só porque deve ser de santificação para todos, segundo a diversidade das condições, segundo as várias divisões da graça, segundo a mais ou menos alta, a mais ou menos limitada vocação divina, já que se nem todos são chamados ao mesmo grau de perfeição, todos são chamados à que podem ter.

E tudo o que se diz dos outros Anos Santos se deve dizer especialmente d'este que é extraordinário, já que tem como objecto coisas de tal grandeza em si mesmas como são aquelas que constituem a obra da Redenção, não só na sua expressão global, mas na sua parte central, composta de tantos factos, uma verdadeira constelação, quasi uma pléiade — como aquela que os astrónomos descobrem nas profundezas abissais do céu — de esplendores infinitos, de belezas e grandezas incomensuráveis: da última Ceia ao Calvário, à Ressurreição, à Ascensão, à descida do Espírito Santo: todo um complexo de sublimes coisas, divintíssimas entre as divinas.

Se, pois, a nossa celebração não fôr animada e nutrida, ao menos, do desejo do esforço constante para a santidade — esforço que tem sempre razão para ser incessante, porque a meta prefixa não será já mais alcançada — não, não será aquela que o Coração do Divino Rei deseja, aquele Coração do qual brotaram todos aqueles fulgores e aquelas coisas magnificentes. Se assim não fôr, Ele não será contente de nós e nós queremos e devemos querer que Ele esteja contente.

E' necessário, portanto, que este Ano Santo tenha para cada um de nós um programa de santidade e seja rico de propósitos firmíssimos de aproveitarmos os tesouros da Redenção que o divino Salvador pôs à nossa disposição.

E' o que os santos sempre fizeram, todos os santos, ainda as almas mais modestas que a Igreja glorificou e que no entanto consagraram à grande obra todos os seus mais nobres esforços, todas as suas energias naturais e sobrenaturais».

Boa imprensa.—Tem-se falado muito nisto, porque é uma questão das mais importantes da actualidade. A imprensa é a poderosa alavanca de todos os grandes acontecimentos, tem pois uma influência extraordinária na estrutura e orientação da sociedade. Por este motivo arquivamos nas páginas da *Cruzada* a seguinte notícia que merece leitura, consciência e aproveitamento prático. Leiam que vale a pena:

Um apêlo do Episcopado Católico dos Estados Unidos

«A imprensa perversa é um dos maiores ataques ao bem estar duma nação

Da reunião anual do Episcopado católico dos Estados Unidos, na qual compareceram 67 Prelados saiu principalmente um apêlo, não só aos católicos mas a toda a nação americana, para uma campanha tenaz, avassaladora, contra a má imprensa: a imprensa imoral, corrosiva dos bons costumes.

Queremos deixar aqui uma das mais salientes passagens d'esse apêlo feito pelo referido Episcopado porque elle interessa também ao nosso país, invadido nesta hora por uma onda de imoralidade tremenda, tanto pelo jornal, como pelo livro.

«A crise actual, nos seus efeitos, é sobretudo económica.

Mas seria cegueira incrível o não reconhecer-se que o abandono dos bons costumes e a licença nos dominios da moral particular, familiar e pública foi quem preparou o caminho para essa crise, e que a falta de consciência e de dignidade cívicas, provocadas pela dissolução de costumes, condicionou este desnivelamento moral que é triste facto dos nossos dias.

Factor principal dessa dissolução de costumes é a maré crescente de livros, revistas impúdicas, indecentes, que por aí andam sob os olhos de todos, novos e velhos, homens e mulheres, mães e filhos. O nosso apêlo, pois, não é já só aos católicos, mas a todos os cidadãos, para que lutem contra a infiltração dessa má imprensa, dessa perigosa imprensa e se incorporem nessa cruzada da Acção Católica de que fala o Papa, chamem-lhe embora os não crentes Acção Social, como de facto também o é.

A corrupção da moral privada e pública mina, mais que qualquer outra cousa, os fundamentos duma nação. A imprensa perversa dos costumes é hoje um dos mais graves ataques ao bem estar e à prosperidade, mesmo material, de uma nação».

Mutualismo.—Acaba de celebrar-se a semana do mutualismo. Nas povoações principais do país fez-se intensa propaganda por meio de conferências, cortejos e outros meios.

O mutualismo ainda não entrou bem nos nossos hábitos, e é pena, porque constitui uma necessidade social imperiosa e humanitária.

Confiar na Providência é bom, é indispensável. Mas esta confiança não quer dizer que cada um não cuide do seu futuro, prevenindo-se com meios rasoáveis para debelar as crises de uma doença ou de uma decrepitude desamparada.

Deus concedeu-nos as faculdades mentais e os braços para trabalhar. O fruto d'este trabalho não deve ser consumido todo em cada dia. A lei da conservação exige que nos dias em que não tenhamos trabalho esteja assegurada a competente sustentação.

Por isso o excedente de hoje deve ser arrecadado para um futuro mais ou menos próximo, em que as contingências da vida o reclamem.

E' lei da natureza que as criaturas tem todas o seu crescer, o seu apogeu e o seu declínio. Nenhum foge a isto. E também é certíssimo que, vindo o declínio, as forças vão desaparecendo e o homem chega ao estado de não ter actividade para produzir. O seu esforço é nullo. E, todavia, a lei da conservação continua com as suas exigências!

O mutualismo, quer dizer, a indústria de amalheirar durante os anos de actividade pro-

DOCTRINA

Eucaristia

Jesus Cristo, Nosso Senhor, ofereceu-se a si mesmo na árvore da Cruz, a fim de operar a nossa salvação. Contudo o seu sacerdócio não devia acabar com a sua morte. Antes de ser entregue aos seus inimigos, na última ceia, quiz deixar à Igreja, sua esposa, um sacrificio sensível, que fosse a figura do sacrificio cruento da Cruz, que lhe perpetuasse a memória e applicasse a sua virtude salutar para remissão dos pecados cometidos todos os dias pelos homens. Ele declarou ter sido instituido por Deus sacerdote eterno segundo a ordem de Melchisidech, e ofereceu ao Pai o seu corpo e o seu sangue debaixo das espécies do pão e do vinho. Sob os mesmos simbolos entregou o seu corpo e o seu sangue aos apóstolos, que constituiu sacerdotes da nova aliança; finalmente pelas palavras «fazei isto em memória de mim», ordenou-lhes e aos seus sucessores no sacerdócio que o imolassem e offerecessem da mesma maneira.

No divino sacrificio da Missa é imolado por maneira incruenta, o mesmo Jesus Cristo que na Cruz se ofereceu a si mesmo em imolação cruenta. Nos dois sacrificios a vítima é a mesma, o ministro principal é o mesmo; porque Cristo ofereceu-se a Deus pelo ministério dos sacerdotes; só a maneira de imolar e oferecer a vítima é diferente.

Destes dogmas, o da presença real é o que os inimigos da relação mais se comprazem em combater. Sabem que os outros se bazeiam no primeiro; sabem também que as multiplicas maneiras por que a transformação do pão e do vinho e a razão do sacrificio eucarístico, são explicadas pelos teólogos católicos e permitem facilmente pôr a descoberto a futilidade das razões que elles houvessem de oppôr a estes dogmas. A presença real de Jesus Cristo sob as espécies do pão e do vinho tem a seu favor, como elles próprios reconhecem, a auto-idade da Escritura e dos Santos Padres; tem contra si, segundo elles mesmos a autoridade da razão;

Que diz efectivamente o dogma católico?

Segundo a doutrina revelada, a humanidade de Jesus Cristo está ao mesmo tempo substancialmente presente no céu e em todos os lugares da terra, onde o sacerdote pronuncia a fórmula sacramental; nos altares, o corpo e o sangue do Salvador occupa por compenetração o mesmo espaço que os accidentes reais do pão e do vinho; está cada um debaixo de cada uma das partes destas espécies, não só se vierem a dividir-se, mas ainda antes de feita a divisão.

dativa alguma coisa, os meios possíveis, para as horas amargas do infortúnio, da invalidez, de um desastre que a toda gente pode acontecer, eis o que se procurou salientar na semana passada.

E' necessário confiar na Providência mas também utilizar convenientemente as faculdades com que a Providência nos dotou. Desde os bens da saúde até à remuneração do trabalho, tudo tem a sua justa applicação. E si da quele que desperdiça loucamente nos vícios ou na ociosidade os dons que Deus lhe confia.

Cedo ou tarde as funestas consequências virão.

Apoiados na Providência divina, sempre com os olhos nela e em int-ira obediência dos seus mandados, aproveitamos o presente a preparemos o futuro. E' a grande regra. Fóra dela todos os caminhos conduzem à perdição.

Santos da Semana

S. Francisco de Sales

Encheu o seu século com os primores das suas virtudes e enche ainda hoje e encherá sempre a Igreja com a exuberância da sua santidade.

Filho de nobres escolheu a carreira mais nobre do mundo seguindo a vida eclesiástica. Tendo por ascendência a heroicidade das armas, dedicou-se todo ao combate pela religião de Cristo. Os seus louros de vitória foram grandes no combate pelas almas. No campo da herezia fez destroços incalculáveis, no campo da ignorância religiosa acendeu fogos luculentíssimos. No campo da piedade iluminou e orientou sabiamente as almas. E no campo da hierarquia eclesiástica ocupou a séde episcopal de Genebra, e mais alto não subiu porque a isso tenazmente se opoz.

Gosou da particular consideração dos Sumos Pontífices e dos potentados da França.

Não só questões religiosas mas dificuldades políticas foi incumbido de resolver. A tudo deu despacho com um saber fazer as coisas suave, persistente e de largueza de vistas que muito o recomendavam. A sua delicadeza de maneiras, a sua placidez, a sua paciência tornaram-se notáveis. Mas não era uma paciência mórbida, apática, inerte, antes uma paciência activa, claravidente, produtiva. Com ela conseguiu vencer muitos obstáculos e conquistar imensas almas para Deus.

Fundou a Congregação da Visitação e escreveu entre outras obras a *Introdução à vida Devota* e a *Prática do amor de Deus*.

A Congregação da Visitação ainda hoje floresce com ubérrimos frutos de santificação; a *Introdução à vida Devota* e a *Prática do amor de Deus* são obras apreciadas como devocionários modélos.

O coração do S. Francisco de Sales, que se conserva intacto, está na igreja da Visitação da cidade de Leão, França, num rico relicário de ouro. Quem dera que elle estivesse também, como ouro precioso, no coração de todos os fiéis! Como aquela mansidão, ao mesmo tempo tranquilla e ao mesmo tempo de um apostolado vivissimo, seria um belo modelo de santificação própria e de irradiação de santificação alheia.

Está S. Francisco de Sales consagrado Protetor da Boa Imprensa! Quanto haveria a dizer neste capítulo para excitar a devoção dos fiéis a tão benemérito Patrono! E numa causa de tanta actualidade e de tão reconhecido alcance! E de uma responsabilidade que ainda não pesa, infelizmente, na consciencia de tantos que se dizem fiéis católicos! S. Francisco de Sales lhes abra os olhos!

Foi um grande santo que iluminou o seu século e ainda hoje ilumina o mundo. Faleceu em 1622; esforcemo-nos por que elle viva continuamente em nós.

Calendário da Semana

JANEIRO

- 29 Domingo. S. Francisco de Sales, Bispo, Doutor.
- 30 Segunda. Santa Martinha, Virgem, Mártir.
- 31 Terça. S. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO

- 1 Quarta. Santo Inácio, Bispo, Mártir.
- 2 Quinta. Purificação de Nossa Senhora.
- 3 Sexta. S. Brás, Bispo, Mártir.
- 4 Sábado. S. João de Brito, S. J., Mártir.

VARIEDADES

Credo da infância

*Creio em Deus que tudo cria
A pedra fria e molesta,
Os passarinhos do espaço
E a nossa mãe tão honesta.*

*Vem d'Ele as nossas ideias
E as luas cheias de abril...
São d'Ele estes sentimentos,
Como os ventos
E como a aragem subtil.
Nasceu d'Ele a imensidade
E esta vontade que opera
Todas as nossas acções...
Os tujos
E os beijos da primavera.*

*Creio no amor de nossos pais,
E creio mais no de quem
Me ensina com afeição
A oração
No beio templo do Bem.*

*E é por causa desta crença
Tão pura, intensa, infinita,
Que eu sigo a doce doutrina
Que me ensina
De Deus a glória bendita*

ALFREDO CUNHA

Pensamento

A imodéstia no vestir é uma afronta a Deus e um escândalo para o próximo. O Senhor não pode aceitar as orações e esmolas de quem desrespeita as leis do pudor, pois castiga severamente os profanadores do templo.

A modéstia é para o mérito como os sonhos para as figuras dum quadro: dão-lhe força e relevo.

GAUTREY

NOTA ALEGRE

Entre peraltas:

— Sabes que em nenhuma chapelaria da capital encontro chapéu para mim?
— O quê?!... Tãmanha é a tua cabeça?
— Não! Não é isso. A minha é como a das mais pessoas; porém eu queria um chapéu fiado...

*

A um avarento dizia um amigo:

— Oihá que é público e notório que a tua família está morta de fome!
— E' falso! responde elle—Em minha casa estamos todos fartos. Minha mulher está farta de mim e eu farto dela; os criados estão fartos de nós e nós deles.

Tais princípios, tais fins

*Amadeu, intrometido,
Escuta o que digo eu:
Que te importa a ti saber
O que foi que a ama deu.*

*Elias, analfabeto,
Não sei porque te dizias;
Tinhas um livro aberto,
P'ró qual olhavas e lias.*

*Severo, para educar-te,
O mais possível me esmero;
Não faltes, pois, à verdade,
Para com todos sê vero.*

*Eleutério, porque tirio
Escrito não foi a sério;
Por não ter ponto no tí,
Tirio não lea e lou tério.*

*R sália, criança ainda,
Que letras não conhecia;
Num livro que tinha aberto
Há quem diga: Rosa lia.*

Lebricho.

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Ao exímio charadista Lebricho, em amavel retribuição, aproveitamos do os versos do seu enigma:

«Seguia rua fóra um cavalheiro
— Um «homem» aliás considerado—3.
E ao vê lo caminhar algo apressado,
Pergunto-lhe a razão de ir tão ligeiro.

—Me deixa, por favor, diz, ó Loureiro;
Parar não me convem nenhum bocado,
Do par que ali vês aproximado,
Fugindo quasi venho o dia inteiro.

Os tipos, «nota» bem, são semelhantes—1
Gemeos parecendo até que são,
A mim juntar-se querem quanto antes.

Evito de tal dar-se a ocasião,
Pois tornam-me «mulher» os tais tratantes,
Se comigo conseguem a junção.»

Ello.

APOCOPADA

(por letras)

A' minha neta Maria Gardine, no dia do seu 13.º aniversario natalício:

Ouviste de manhã do dia ao despontar,
Em volta a casa tua as aves gorgear?
Eu creio bem que não, porqu'inda a ressonar
No leito virginal, com Deus 'stavas sonhando.

Se ouvisses, que prazer devi exp'rimentar
Teu terno coração!... Eu 'stou adivinhando...
E quanto não seria de tanto admirar
Ao veres junto a ti mil aves azeijando.

E então, para o saber, dirias à mamãe:
—Porque tanta avezinha a nossa casa vem
Em louco gorgear e modular tão vário?!...

E a tua mãe diria:—Oh filha, mui querida!
Das avezinhas hoje, é toda a sua «lída»—4
Co's anjos festejar o teu aniversário.

Lebricho.

BIFORME

Ele, garboso no ardar,
Ela, no mar a saltar, 3.

Delna.

AUMENTATIVA

Será possível com a mão esquerda disparar uma peça? 2

Serrano.

SINOPADA

(por sílabas)

3—De pano de lã felpudo,
De todos bem conhecido,
Usa a mulher do Temudo
Um elegante vestido,—2

H. Raio.

3—Bêsta velha ou aleijada,
Que deu o que tinha a dar,
Na lusa serra atirada,
Vai tristemente acabar —2

Lebricho.

2.ª EM FRASE

Tudo está alegre a bordo da embarcação. 1-2
O Kangrú entra no Oceano por ocasião da maré cheia. 2-1

H. Raio.

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Por cima da negra loisa
Orava um curto epitáfio:
Aqui debaixo repousa
Quem se chamou Bonifácio.

Lebricho.

As decifrações dos trabalhos publicados no número 3, são, pela ordem de publicação: Varapau Póvoa, Salvador, Disseminar, Fateixa, Isaura—ira e Isabel.

Lebricho.

As raças históricas da Lusitânia

(Continuação da 1.ª pág.)

tónio Ferreira e melhor ainda nas Farças de Gil Vicente que compoz à imitação das *At Manas*, e nos cómicos de Jorge Ferreira de Vasconcelos, achar-lhes-hemos muitas braças de fundo; tão rica é nesta parte que leva vantagem a muitas linguas e muito mais à latina que era meeqzinha e apoucada, como seus mesmos naturais o afirmam!]

Ele cita também muitos termos militares e nauticos em que tanto abundamos e que se não encontram no latim.

«.....basta lêmos (continua o mesmo sábio crítico) Barbaros, Couto, Jacinto Freire e mais ainda o *Teatro Tragico-maritimo* da coleção de Brito para acharmos neles um vocabulario proprio de infinitos termos que não tiram das origens latinas, e que por si só fazem uma grande parte da nossa lingua.

As mesmas palavras latinas eram refundidas nas formas da lingua nacional.»

Essas palavras foram transformadas pela composição e terminação da lingua portugueza; dos vocábulos latinos formámos muitos que são propriamente nacionais.

O mesmo autor nota muito bem que uma grande parte dos termos latinos não se encontram nos antigos escritores e documentos da lingua portugueza; mas vamos dar com eles nos séculos XV e XVI, quando a nossa lingua já estava formada!

Nós alteramos todas as terminações das palavras latinas, formando delas outras palavras; dos substantivos formámos adjectivos; destes, advérbios; dos substantivos formamos também verbos, — e tudo sem equivalente na lingua romana, donde vieram os termos primitivos!

Fra Casil.

(Continua)

PELA FRANQUEIRA

Sabemos e podêmos afirma-lo, que a Comissão Administrativa da Confraria de N.ª S.ª da Franqueira está tratando da organização de grandes melhoramentos a realizar brevemente no Monte junto à histórica Ermidinha.

O plano desses melhoramentos é grandioso.

E' de prevêr que aquela Comissão tenha de recommençar a dirigir o seu apêlo ao Povo, não só da cidade, mas até ao do nosso concelho, sendo de esperar que todos recebam de boa mente os seus pedidos, que, como sabemos, resultarão em beneficio daquela obra monumental, que vem engrandecer enormemente este lindo rincão minhoto.

Os trabalhos da plantação de árvores, tem sido bastante intenso, tendo-se, desde há poucos dias até agora, plantado perto duma centena de lindissimos exemplares, que no próximo verão tornarão aquelle local mais pitoresco e delicioso.

Bom era que alguns dos vizinhos do Monte da Franqueira, e que vêem com bons olhos as obras da sua transformação, oferecessem qualquer número de árvores, especialmente carvalhos e cliveiras, concorrendo assim para a sua rápida arborização.

Uma só árvore será de bom grado aceite, seja de que qualidade for, podendo ser entregue na freguesia do Carvalho ao nosso bom amigo Snr. Manuel Francisco Alves, digno membro da Comissão da Confraria de N.ª S.ª da Franqueira.

A Franqueira precisa do concurso e auxilio de todos.

Sejamos amigos da Franqueira! Trabalhemos pelo seu engrandecimento!

Fra Casil.

Carta de Barcelos

Por notícias recebidas da Capital sabe-se que o Governo da Ditadura vai criar o Liceu Municipal desta cidade para o que já contribuiu com 138.000\$00.

— Regressaram de Lisboa os Ex.ªs Snrs. Drs. José Gomes de Matos Graça, e Furtado Martins, aquele illustre Governador Civil de Braga e este Presidente do nosso Município.

— Diz-se também que Barcelos vai ser considerada como Zona de turismo, com o que muito folgamos visto esta cidade muito lucrar com tal medida.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o Ex.ª Sr. Dr. José Júlio Vieira Ramos, talentoso advogado e notário em Oliveira de Azemeis e antigo parlamentar.

— Houve na 5.ª feira próxima passada uma grande reunião de proprietários no Sindicato Agrícola a fim de tratarem de grandes medidas de protecção à lavoura concelhia.

— Está resolvido:

Fazerem-se grandes festas das Cruzes, consideradas as festas da cidade para o que já está nomeada uma grande comissão composta de cavalheiros desta cidade;

Fazer-se uma grande e pomposa procissão de Passos; e

Em Agosto uma grande festa na Associação dos Bombeiros Voluntários desta cidade em comemoração do seu 50.º aniversário da sua fundação.

— No Circulo Católico de Operários desta cidade tem havido bastantes Conferências de grande interesse para o operariado, para o que tem sido incançável o Snr. P.º Bonifácio Elias Barbosa Lamela.

— As ruínas do Castelo de Faria foram na semana finda visitadas por dois distintos arqueólogos lentes da Universidade do Porto. — C.

Carvalhal, 24-1-1933

Batisou-se no passado domingo um filhinho do Snr. Domingos Cardoso e Eusébia Gonçalves. Foram padrinhos o Snr. Manuel Joaquim Gonçalves e Laurinda Gomes: o neófito recebeu o nome de Manuel.

— Para conclusão da missão religiosa ao povo desta freguesia, foram convidados dois distintos oradores, sendo um deles o Rev.º P.º Américo da Costa Nilo, da Póvoa de Varzim. As práticas principiarão em meados de Fevereiro.

— Continua em tratamento à sua saúde o vosso pároco, Rev.º P.º José António Ayres a quem, desejamos rápidas melhoras.

PEREGRINAÇÃO A LOURDES

Partida 1 de Junho — Regresso 9 de Junho

PROGRAMA

Dia 1 — Partida do Porto (S. Bento), via Barca d'Alva às 9,50 h.
D» 2 — Chegada a Lourdes, às 20 h.
Dias 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 — Estadia em LOURDES.
Dia 8 — Partida para Portugal às 9,50 h.
» 9 — Chegada ao Porto às 18 h.

(Haverá tempo suficiente para se visitar: *S. Sebastião, Bayonne e Biarritz*).

INSCRIÇÃO: 100\$00, que serão descontados ao preço indicado

PAGAMENTO: Faz-se numa ou duas prestações iguais, sendo a 1.ª até 5 de Maio e a 2.ª até 20 de Maio.

ORGANIZADOR:

P.º José António Ayres

Rua do Visconde, Póvoa de Varzim

N. B. — A Casa de Santo António — Travessa da Liberdade, 6, Porto recebe também inscrições e remete programas.

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.ª Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquo de os procurar, a fim de nos evitar as despesas do correio.

Pagaram as suas assinaturas mais os seguintes Snrs.: João Ferreira da Cunha e Domingos José de Figueiredo, de Carvalhal.